

# ***Favela: representação e exclusão***

## *Shanty towns: representation and exclusion*

---

José Henrique Mendes Crizostomo\*

Natalia dos Santos Silveira\*\*

O presente artigo é fruto de uma pesquisa sócio-urbana desenvolvida no município de Bom Jesus do Itabapoana, situado no noroeste do Estado do Rio de Janeiro. Partindo do conceito de favela buscamos, na localidade conhecida como Volta d'Areia, identificar se esta se caracteriza como favela ou apenas bairro pobre. Expomos os problemas identificados no campo de pesquisa e a forma como os moradores dessa localidade são percebidos e caracterizados pelos cidadãos que não vivem nesta localidade.

*This article presents a study carried in the town of Bom Jesus do Itabapoana, located in the northwestern area of the State of Rio de Janeiro. Starting with the concept of "shanty towns", we aimed at verifying whether residents in the location known as "Volta d'Areia" consider it to be a shanty town or just a poor neighborhood. Problems identified in the observation are discussed as well as how these residents are perceived and characterized by people living in other areas of the city.*

Palavras chave: Favela. Questão urbana. Pobreza. Discriminação.

*Keywords: Shanty towns. Urban issues. Poverty. Discrimination.*

### ***Apresentação***

O presente artigo é fruto de pesquisa realizada no município de Bom Jesus do Itabapona, onde estudamos o crescimento urbano desordenado em parte daquele município. Para isso, nos dedicamos a estudar uma determinada localidade da cidade que está enfrentando um crescimento populacional e é reconhecidamente um bairro antigo do município.

A temática do crescimento urbano vem ganhando relevo, ano após ano, não apenas nas grandes cidades. O crescimento urbano desordenado vem ocorrendo por muito tempo nos municípios interioranos, sem a devida cautela para a solução dos problemas advindos dele, como a favelização, riscos ambientais, falta de saneamento, condições precárias de habitação, deficiência de serviços públicos, violência, dentre outros.

---

\* Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual no Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)

\*\* Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual no Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)

Focamos nossas observações na localidade denominada Volta D’Areia, situada no bairro Santa Terezinha. Escolhemos esta localidade devido à caracterização feita por parte considerável da sociedade local, identificando o território referenciado como uma favela e, por isso tendo os problemas característicos dela, tais como: criminalidade, moradias irregulares, pobreza, falta de infraestrutura, etc. Outro motivo da escolha da localidade Volta D’Areia foi devido a sua localização próxima a um bairro reconhecidamente nobre de Bom Jesus do Itabapoana, o bairro Jardim Valéria, gerando um forte contraste social entre os casarões do “asfalto” e as “casinhas” do morro.

Este estudo tem por objetivo expor a temática do crescimento urbano desordenado no município de Bom Jesus do Itabapoana e também alertar o Poder Público para os problemas que estão surgindo atrelados a este, uns mais aparentes - como a violência, que já é percebida na localidade e impõe aos moradores a lei do silêncio – e outros menos evidentes ao público – como a discriminação sofrida pelos moradores.

### ***Favela: histórico e definições***

A moradia, no Brasil, assim como em outros países subdesenvolvidos, apresenta um cálculo complicado que tem de levar em conta vários fatores (DAVIS, 2006), os pobres urbanos têm de resolver uma equação complexa ao tentar otimizar o custo habitacional, a garantia de posse, a qualidade do abrigo, a distância do trabalho e, por vezes, a própria segurança. Daí não cabe encarar a favela como algo homogêneo, mas ao contrário desta perspectiva, a favela deve ser vista como um lugar de pluralidade social, econômica e cultural. O cálculo efetuado por cidadão, na hora de escolher sua moradia, faz do ato de morar algo geral, que deve ser entendido sob a perspectiva de cada um. Como diria o arquiteto John Thurner (*Apud* DAVIS, 2006): “*Moradia é um verbo*”, isto é, a forma e as condições de moradias são tão diversas que se assemelham a um verbo, possuem muitas variações.

Segundo a conceituação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), favela seria definido como “aglomerados subnormais”, ou seja, invasões ou ocupações ilegais de terrenos públicos ou privados caracterizadas pela disposição desordenada dos domicílios e pela carência de serviços públicos essenciais, como abastecimento regular de água, energia e esgotamento sanitário.

A origem do termo se encontra no episódio histórico conhecido por *Guerra de Canudos*. A cidadela de Canudos foi construída junto a alguns morros, entre eles o “Morro da Favella”, assim batizado em virtude de uma planta (chamada de *Favela*) que encobria a região. Alguns dos soldados que foram para a guerra, ao regressarem ao Rio de Janeiro em 1897, deixaram de receber o soldo, instalando-se em construções provisórias erigidas sobre o Morro da Providência. O local passou então a ser designado popularmente Morro da Favella, em referência à “favela” original. O nome favela ficou

conhecido e, na década de 20, as habitações improvisadas, sem infraestrutura, que ocupavam os morros passaram a ser chamadas de favelas (VALLADARES, 2005).

As favelas não podem ser definidas, apenas, da forma como posto acima, visto que em suas dependências há várias formas de socialização dos moradores; entre suas vielas há a brincadeira das crianças; em suas lajes desenvolvem-se atividades culturais; em seus botequins cantam-se os sambas; os bailes funks agitam os jovens. Deste modo, o que devemos observar também é que favela não se restringe a um conceito de casinhas sem reboco e de localidade com carência de serviços públicos. Há uma vida social intensa em suas dependências, o que gera uma identidade por parte de quem mora ali e também uma cultura própria, que acaba, também, de certa forma, sendo em parte assimilada pelas pessoas “do asfalto”, vide o samba, pagode e o funk, por exemplo.

Alguns segmentos da sociedade, frequentemente, associam favelas a reduto de pobres e criminosos, à marginalização social. Segundo Valladares (2005), muitos desses territórios são caracterizados como a típica manifestação de não-integração dos amplos segmentos da sociedade urbanizada. As favelas são locais onde pode ser percebida a carência quase total do poder público, que determina uma dualidade aparente entre favela *versus* cidade.

### ***Localização e histórico da cidade de Bom Jesus do Itabapoana***

O município está localizado no Vale do Itabapoana, sendo banhado pelo rio Itabapoana. Faz divisa com Bom Jesus do Norte – Estado do Espírito Santo -, ao Norte, São Francisco de Itabapoana, a Oeste, Varre-Sai, a Noroeste e Itaperuna, ao Sul. O município possui segundo censo do IBGE de 2007, aproximadamente, 33.888 habitantes. Sua área é de 598,40 km<sup>2</sup>, possui IDH de 0.746. Fica situada na microrregião de Itaperuna e mesorregião do noroeste fluminense.

Inicialmente habitado pelos tamoios, a colonização do território do atual município começou no século XVIII, com a doação de sesmarias. As primeiras famílias a se instalarem na localidade foram os Faro e os Pereira da Silva, provenientes de Minas Gerais, e, em 1853, já havia um povoado. Sua privilegiada localização geográfica determinou rápido progresso e, em 1864, foi inaugurada a estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, tornando-se logo importante praça comercial no interior. Era ponto obrigatório de grande parte dos produtos de Minas Gerais e São Paulo, o que veio determinar o desenvolvimento da agricultura, do comércio e da pequena indústria.

Segundo dados da Biblioteca do IBGE, em 14-11-1862, foi criada a freguesia sob denominação de Bom Jesus do Itabapoana, subordinada ao município de Itaperuna. Elevada à categoria de vila com a denominação de Bom Jesus do Itabapoana, em 24-11-1890, desmembrada de Itaperuna. Pelo decreto estadual nº 1, de 08-05-1892 e 1-A, de 03-06-1892, Bom Jesus do Itabapoana perdeu a categoria de vila, sendo reintegrado à

condição de freguesia e anexado ao município de Itaperuna. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, Bom Jesus de Itabapoana é distrito de Itaperuna, assim permanecendo em divisões territoriais até 1937. Elevado à categoria de município, com a denominação de Bom Jesus de Itabapoana, pelo decreto-lei estadual nº 633, de 14-12-1938, desmembrado de Itaperuna.

### *O campo de pesquisa*

Na sede de Bom Jesus do Itabapoana existem três localidades que poderiam ser consideradas favelas de acordo com o responsável pela Secretaria de Obras e Planejamento Urbano daquele município: a localidade denominada Volta d'Areia, o bairro Asa Branca e a localidade conhecida como Morro da Caixa d'água. Estas localidades têm em comum o fato de possuírem uma parcela de suas moradias construídas irregularmente; entretanto não há nenhum estudo que caracterize estas localidades como favelas.

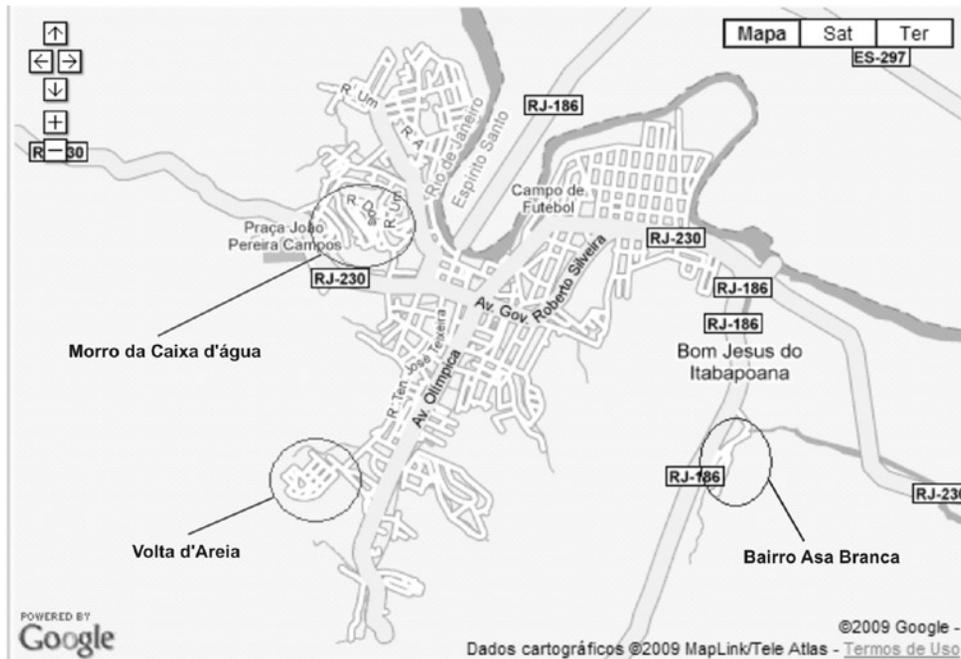


Figura 1 – Localidades que podem ser consideradas favelas

Para fins de pesquisa, selecionamos apenas a localidade da Volta d'Areia, e a partir dela, fizemos uma tentativa de identificá-la como um bairro pobre ou favela. Para tanto, buscamos informações com autoridades locais, dados da Prefeitura e também com os próprios moradores.

A história de ocupação da localidade é um tanto divergente. Em entrevistas realizadas com alguns moradores antigos da localidade, pudemos identificar versões diferentes a respeito da ocupação do local. Entretanto, o início provável das moradias

data por volta da década de 70, com o programa do governo para a construção de casas populares a baixo custo, levadas a cabo pela Companhia de Habitação Popular do Rio de Janeiro (COHAB). Com o passar dos anos, houve uma ocupação progressiva do morro em direção ao cume, onde hoje fica situado um pequeno campo de futebol conhecido como “maracalipto”, sendo que estas últimas construções não seguiram quaisquer critérios de planejamento urbano. Há relatos de que a área tenha sido doada pelo prefeito Carlos Borges Garcia, para a população carente, com a finalidade de alojamento destas, contudo não houve uma regularização fundiária dos terrenos.

Um dos indícios da caracterização da Volta d’Areia como favela são seus registros de zoneamento inexistente nos mapas da cidade, isto é, no mapa oficial da cidade apenas consta o início do zoneamento, quando a localidade ainda era o Conjunto Habitacional Castelo Branco. Nos mapas municipais não há registro do crescimento da localidade da Volta d’Areia, isto porque as casas que foram construídas no morro, logo acima do conjunto habitacional inicial, não possuem planejamento, autorização e não pagam impostos, como o IPTU, por exemplo.

Durante o levantamento de dados no Setor de Cadastro Imobiliário da Prefeitura de Bom Jesus do Itabapoana (PMBJI), fomos informados pelo funcionário responsável que os mesmos pagavam impostos segundo uma suposta lei que autorizava a PMBJI a praticar tal ação. Entretanto, essa informação foi contradita pelos moradores da parte alta da localidade Volta d’Areia, já que muitos deles afirmaram que nunca receberam nenhum tipo de carnê de cobrança do IPTU. Apenas os moradores do conjunto habitacional – a parte inicialmente planejada e conhecida popularmente como “casas populares” – afirmaram receberem o carnê da Prefeitura.

Apesar de não ser feita uma regularização das moradias, esta localidade é atendida com serviços públicos, tais como iluminação pública – a maioria dos moradores, seja das “casas populares” (parte baixa) ou do morro, pagam a conta de luz -, e coleta de lixo, ressaltando que na base do morro – local onde ficam situadas as casas populares – a coleta de lixo é diária, enquanto no morro ela ocorre três vezes na semana e somente em algumas ruas, visto que, em outras, não há possibilidade de trânsito de caminhões devido à ausência de pavimentação.

A grande dificuldade ainda enfrentada pela localidade, e também pela cidade, até hoje é a questão do esgoto. Uma de nossas entrevistadas (1), Dona Madalena (2), quando perguntamos sobre que desejo ela gostaria de manifestar às autoridades nos respondeu:

Queria que eles olhassem meu esgoto, porque desviaram o cano de esgoto para a rede de águas pluviais e sempre quando chove tenho que ficar com vassoura para não deixar a água entrar no meu banheiro.

Grande parte do esgoto da cidade, e não somente da localidade estudada, é lançado *in natura* na rede de captação de águas pluviais, sendo lançado nos córregos e alcançando o Rio Itabapoana sem tratamento, gerando mau cheiro, problemas de saúde e ambientais, além de gerar dificuldades durante o período de fortes chuvas.

Uma das queixas apresentados por moradores da localidade, embora de maneira não explícita e com forte receio de dizer, é a questão da violência que já começa a se manifestar de forma pontual. Durante as entrevistas alguns moradores nos revelaram que muitas pessoas que estavam se mudando para a Volta d'Areia eram provenientes da cidade do Rio de Janeiro e outras localidades. Segundo eles, vieram “fugidas”, ou seja, devido a algum ato ilícito praticado e temendo represálias foram se refugiar ali. Notamos em um dos muros de acesso ao morro a sigla “CV”, possivelmente da facção criminosa presente na cidade do Rio de Janeiro, o “Comando Vermelho”.

Todas as pessoas que foram entrevistadas relataram que já gostaram muito de morar na localidade, mas que hoje devido, nas palavras de Dona Rose, a “*alguma coisa que mudou na Volta d'Areia*”, não consideram a moradia ali tão prazerosa como antes. Quando perguntamos a uma das moradoras mais antigas da localidade, Dona Carolina, uma senhora de 74 anos, se ela gostava de morar ali, ela nos disse: “*Sempre gostei daqui, mas agora estou me aborrecendo aqui*”. Quando perguntamos o porquê disso, pudemos observar uma apreensão e uma hesitação em responder. Depois de alguma insistência nos disse apenas que “*é muita coisa que a gente vê que aborrece*”. Logo depois disso a entrevista foi desviada por ela deste ponto.

Ao fazermos a mesma indagação para outra senhora, a Dona Madalena, também moradora das casas populares, a respeito de sua avaliação em morar ali, se gostava ou não, a resposta foi similar:

Pra falar a verdade já gostei -, retrucamos perguntando o motivo da resposta e ela nos afirma que: *é alguma coisa que não ta batendo mais. (...) Já teve problemas aqui, o bairro já foi bem pesado, já teve muita droga, muita briga (...) hoje já diminuiu bem, mas mesmo assim nós estamos precisando de uma vigilância muito forte. (...) Tem gente que nem vem aqui porque tem medo.*

O mesmo ocorreu com Dona Rose - ela já é moradora da parte superior das casas populares, o morro - quando fizemos a mesma pergunta, de forma um tanto hesitosa ela nos respondeu que:

*As coisas aqui já foram melhores, agora está tudo tão mudadinho por aqui. Alguma coisa mudou muito aqui na Volta D'areia, este bairro aqui já foi tão bom. Agora mesmo tem pessoas estranhas (...) muita gente estranha, muitas coisas... é... gente que vem de outra parte pra cá... corrido...junta com o povo daqui e dão a força, né? E o bairro vai ficando meio pesado.*

Como podemos observar por meio destes relatos, o problema da violência já está tomando uma forma preocupante, tanto que a “lei do silêncio” imposta está começando a prevalecer e os moradores começam a sentir o reflexo disso, sempre sentindo medo e receio e também, em virtude disso, sofrendo uma discriminação maior. A respeito disso, um dos pedidos da Dona Rose foi um posto da polícia no local, visando dar maior segurança aos moradores e coibir os atos descritos aqui. Ela mesma nos disse que *“a Volta d’areia infelizmente é um dos bairros mais esquecidos”*, ou seja, há o desejo por parte dos moradores de fazer com que o Estado chegue até eles, mas devido à pouca mobilização em torno de sua associação de moradores, pouco pode ser feito para que eles consigam fazer com que seus pedidos cheguem ao poder público.

Estes problemas estão chegando junto com o crescimento populacional da localidade e perto dali, a cerca de 200 metros, outro problema já pode ser identificado. Logo atrás da igreja do bairro Santa Terezinha, igreja que leva o mesmo nome, já são identificados lotes postos à venda e separados no morro, inclusive pessoas já estão comprando os lotes - com preço médio de R\$ 4 mil – e recebendo de uma pessoa, que se identifica como proprietária, um recibo de compra sem, contudo, receber a escritura do terreno, a qual foi prometida para logo após a quitação das parcelas de compra. As pessoas que possuem o recibo acreditam que este já vale como título de posse e, na maioria das vezes, não procuram a Prefeitura ou um cartório para se informarem sobre a movimentação. Se for configurada a venda de lotes de maneira irregular, e as autoridades não agirem a tempo para coibir e esclarecer os procedimentos à população, um novo problema habitacional pode estar tomando forma.

### ***A representação dos moradores feita pelo “outro”***

Ainda hoje as favelas continuam inspirando um imaginário preconceituoso dos que querem se diferenciar dela (ZALUAR; ALVITO, 2006). A favela e, conseqüentemente, seu morador, estão marcados com um estigma social por conta de quem não mora na favela ou até mesmo pelos que moram em determinadas regiões destas, consideradas “melhores”. As favelas são vistas como locais sujos e reduto de pobres e criminosos (VALLADARES, 2006), e isso acaba por influenciar no modo como a sociedade representa o morador da favela e como ele próprio se representa.

Nas entrevistas realizadas, indagamos aos entrevistados qual seria a resposta deles quando alguém pergunta onde moram, as respostas mais comuns foram “Volta d’Areia” e “casas populares”. Mas também informaram que algumas vezes omitem isso, para evitar serem discriminados. Nas palavras de Dona Madalena: *“Quando você vai comprar qualquer coisa, na hora de fazer o cadastro, eu falo assim: eu moro na Volta d’areia, nas casas populares. Eles te olham de cima em baixo e depois terminam o cadastro”*. Perguntamos também se, quando ela fala que mora no bairro Santa Terezinha, muda o modo de

tratamento, mas Dona Madalena nos disse que o tratamento é o mesmo, o que nos leva a concluir que a denominação de favela ou comunidade – um vocábulo mais ameno comumente utilizado hoje – é uma coisa sem efeito, pois a discriminação persiste em ambos os casos e, mesmo durante a tentativa de amenizar a visão estigmatizada da favela, persiste não importando qual vocábulo seja utilizado.

Dora Rosa nos informou de alguns momentos em que, quando era indagada sobre o local onde mora, ela omitia ou respondia de modo vago, isso, segundo ela, por receio, pois *“aqui está tendo um problema muito sério, uma maconhada danada”*.

Em nossa entrevista com a prefeita de Bom Jesus do Itabapoana, perguntamos a ela se considerava que pudesse existir alguma favela no município, ela nos respondeu:

Eu como prefeita, mas também como assistente social, porque sou formada em serviço social, (...) não consigo visualizar muito como favela, porque as pessoas são pessoas de bem, são pessoas que se encontram às vezes em dificuldade mas não são totalmente faveladas (...) são pessoas de muito respeito, são pessoas de bem.

Na opinião da Prefeita, existiriam bairros pobres na cidade, porque *“... as pessoas confundem às vezes favela com pobreza, com questão social baixa”*. Podemos perceber como a conotação negativa de favela está presente em nossa mente. Mesmo que de forma inconsciente, observamos a favela como algo negativo.

### ***Considerações finais***

Apesar de a localidade ser atendida com alguns serviços públicos, como coleta de lixo, iluminação pública e contar com uma escola e um posto de saúde por perto, ainda há elementos que permitem fazer sua caracterização como favela, principalmente nas casas construídas no morro em direção ao cume.

Muitas casas não regularizadas, habitações sem reboco, concentração de moradias e esses seriam alguns dos fatores que caracterizariam essa localidade como favela. E este termo, carregado de forte conotação preconceituosa, é percebido e sentido por seus moradores que convivem cotidianamente com isso e tentam minimizá-lo muitas vezes omitindo seu bairro de moradia.

Alguns problemas mais graves já começam a ser detectados, como o aumento da violência e a expansão do crescimento sem planejamento, que agora toma outros morros próximos com a venda de novos lotes de terra, necessitando da ação do poder público municipal para evitar novas construções irregulares e também para tentar corrigir os problemas que surgem ou já estão instalados. Cabe salientar que a regularização de um imóvel é cara, sendo muitas vezes inacessível aos moradores de baixa renda.

Mas vale lembrar que a capacidade de ação do município de forma isolada é pequena, pois as ações para regularização demandam recursos que este muitas vezes não possui. Por isso, deve-se evitar o surgimento do problema, esclarecendo aos cidadãos as etapas necessárias para regularização de seus terrenos e imóveis, investindo em fiscalização, aumentando áreas com zoneamento urbano e também facilitando para as camadas de menor poder aquisitivo a regularização se sua casa ou terreno.

### ***Notas***

- (1) Visando assegurar o sigilo aos moradores entrevistados, empregamos nomes fictícios aos relatos descritos neste trabalho.
- (2) Para fins metodológicos, mantivemos as entrevistas transcritas em sentido literal, por isso algumas passagens podem conter frases com grafia e com expressões que fogem à norma culta da linguagem.

### ***Referências***

BOM Jesus do Itabapoana – RJ. *Biblioteca virtual do IBGE*. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em: 7 jul 2009.

DAVIS, M. A generalização das favelas. In. \_\_\_\_\_. *Planeta favela*. 1ª.ed. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 31-57.

GOOGLE Maps. Disponível em: <<http://gmaps.google.com>>. Acesso em: 7 jul 2009.

VALLADARES, Licia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

